

## **Capítulo 3**

### **Frevos para Clarineta**

Há de se considerar que a efetividade da clarineta no frevo mesmo que de forma não tão intensa, trouxe-nos um importante legado para a literatura do instrumento. Seja nas mais variadas composições e instrumentações, sobressai dos demais instrumentos no tratamento dado pelos compositores e arranjadores, possivelmente pela versatilidade de seu timbre e ampla tessitura, como dito anteriormente. Dentro desta perspectiva, convém ressaltar neste repertório a existência de frevos, onde a clarineta assume um espaço privilegiado, solista. O jornalista e radialista Hugo Martins (1989), entrevistando Lourival Oliveira em programa de rádio, refere-se a esses frevos como “um tipo de frevo diferente que era os frevos para clarineta”.

Entretanto, em função de uma delimitação da pesquisa, selecionamos um repertório e, um grupo de compositores que estiveram diretamente ligados com a prática do instrumento e a prática composicional, ou seja, classificando-os pelo fato de serem clarinetistas compositores.

#### ***3.1 Compositores clarinetistas***

Convém elencar aqui o perfil biográfico de personalidades que delinearam a história da clarineta no frevo e no cenário musical pernambucano em geral. Através de suas produções musicais apresentaram uma forma de perpetuar elementos determinantes na construção de uma identidade. Tais biografias, ainda dispersa, ou mesmo ausentes nas mais importantes fontes bibliográficas brasileiras. As informações bibliográficas foram compiladas de portfólios pessoais, artigos de jornais locais e revistas, entrevistas, além da

referência bibliográfica; Phaelante, Renato (1997). *MPB – Compositores Pernambucanos: coletânea bio-músico-fonográfica (1920-1995)*.

Segundo ainda evidenciou o pernambucano Jarbas Vasconcelos, outrora governador do estado, apontando os méritos desse componente identitário à forte influência da música na relação com a sociedade e suas manifestações culturais:

Todo povo honrado reverencia seus heróis. E quando falamos de heróis, não nos referimos apenas àqueles que morrem nos campos de batalha em defesa da Liberdade e da Justiça. Também devem ser reverenciados aqueles que, em tempos mais pacíficos, batalham pela construção e preservação cultural de sua terra. São os artistas, arquitetos da emoção que com seus livros, obras de arte, filmes e músicas erguem o espelho onde o povo se reconhece, cara e coração. Entre esses heróis, muitos se destacaram por seu excepcional talento e por terem atuado principalmente na manifestação cultural de maior força e visibilidade, que mexe com o Povo Pernambucano: o Carnaval. Foi para esta festa – na qual se dissolvem todas as fronteiras hierárquicas, raciais e sociais – que os nossos compositores de Frevo teceram algumas das mais representativas obras musicais do nosso País. (2006, [www.frevo.pe.gov.br](http://www.frevo.pe.gov.br))

Observamos neste levantamento de histórias de vidas, traços comuns que possivelmente contribuíram para uso e desuso da clarineta no frevo. Dentro desses dados, acreditamos que o êxodo rural no contexto demográfico pernambucano, o desenvolvimento urbano do Recife, o regime político, o controle da radiodifusão por parte do estado, a industrialização, a influência do capitalismo americano e a profissionalização como músico militar foram fatores determinantes na vida e obras desses compositores. Num rol a parte convém ressaltar o compositor Dimas Sedícias, que escreveu *Frevo Concertado* - para clarinete solo e banda sinfônica. Apesar de percussionista e compositor, dedicou uma atenção especial à clarineta, contribuindo para o enriquecimento do repertório com inúmeras obras e inusitadas instrumentações.

### 3.1.1 “Zumba”

José Gonçalves Júnior - clarinetista e compositor, nasceu em Timbaúba - Pernambuco, em 9 de outubro de 1889. Filho de pai comerciante, mas de mãe e irmão bandolinista, cresceu num ambiente musical que lhe favoreceu o gosto pela música. Bem jovem ainda, começou a aprender música com a mãe e aos 14 anos já passava a estudar com o mestre Guinga, regente da Banda Independência, da cidade de Limoeiro – PE. Três anos depois, já integrava essa banda e compôs sua primeira música, o dobrado “Antônio Neto”. Mais tarde tornou-se mestre dessa banda, permanecendo nesse posto durante dez anos. Depois disso, transferindo-se para o Recife, atuou como saxofonista e clarinetista na Orquestra de Danças Andrelson, organizada pelo violinista João Andrade e pelo maestro Nelson Ferreira. Foi músico militar no 21º Batalhão de Caçadores no Recife. Na época do cinema mudo, integrou várias orquestras que acompanhavam as projeções. Com o advento do cinema falado, passou a trabalhar em orquestra de navios, viajando bastante pelo Brasil e exterior. Sua primeira composição gravada data de 1934, “Não há mais vale”, sucesso no carnaval de 1937 pela Orquestra Diabos do Céu, produzido pela gravadora Victor. Convidado por Nelson Ferreira, passou a integrar a Jazz PRA 8, orquestra da Rádio Clube de Pernambuco, tomando parte também no conjunto Gente da Casa, também pertencente àquela emissora, durante vinte e oito anos. Considerado por Guerra Peixe como um dos maiores instrumentistas do Recife e, por Gilberto Freire, como um dos maiores compositores de frevo, ao lado de Nelson Ferreira e Capiba. Compôs vários frevos, muitos deles premiados em concursos promovidos pela Federação Carnavalesca de Pernambuco, pelo Departamento de documentação e Cultura do Recife, pela TV Jornal do Commercio e pela extinta TV Tupy do Recife. Compôs também valsas, foxes, choros, dobrados e hinos. Faleceu a 7 de março de 1974, no Recife.

### 3.1.2 Jones Johnson

Clarinetista, filho de engenheiro inglês, o qual veio para o Brasil a convite de uma Companhia de Energia Elétrica. Nascido no estrangeiro em 1898, chegou ao Brasil ainda criança, instalando-se na cidade do Cabo de Santo Agostinho, região metropolitana do Recife. O pai violonista e a mãe pianista, ambos apesar de não profissionais da música, incentivaram-no a iniciar as atividades musicais desde cedo. Aos 14 anos de idade já atuava como clarinetista solista nas bandas do interior de Pernambuco. Atuou como clarinetista nas orquestras de rádio e televisão do Recife. Foi 1º clarinetista fundador da Orquestra Sinfônica do Recife, na companhia do *Zumba* como 2º clarinetista. Como compositor, na sua lista de obras consta vários frevos, onde a clarineta, mesmo não como solista, mas em náipe, desempenha papel de grande importância em relação aos demais instrumentos na banda. Dentre seus frevos estão sempre os títulos de caráter jocoso, tais como: “Dinheiro resolve”, “A mamata é boa”, “No fim dá tudo certo”, “Está no Papo”, “Tudo pode acontecer” e outros. Faleceu no Recife em 1972.

### 3.1.3 Lourival

Lourival Oliveira, natural de Patos - Paraíba, nasceu em junho de 1918 e faleceu no Recife em junho de 2000. Clarinetista e compositor, estudou música com Luís Benjamim de 1933 a 1937. Ingressou em seguida na Banda da Polícia Militar de Pernambuco, dirigida na época pelo Cap. José Lourenço da Silva (Zuzinha). Em 1940 estudou harmonia com Levino Ferreira e com Horácio Vilela no Conservatório Pernambucano de Música. Licenciado da Polícia Militar (a pedido) em 1945, integrou por onze anos a Orquestra da Rádio Clube de Pernambuco, então dirigida por Nelson Ferreira, atuando como clarinetista, saxofonista e arranjador. Esteve em 1946 no Rio de Janeiro onde participou como clarinetista na Orquestra do Cassino Copacabana. Em 1950 fez seu primeiro frevo, “Frevo

a jato”. Foi convidado pelo maestro Vicente Fittipaldi, para ingressar na Orquestra Sinfônica do Recife como 1º clarinetista, em 1953. Passou a dirigir a Banda Municipal da Cidade do Recife no ano de 1958.

Em 1963 saiu da Orq. Sinf. do Recife e da Banda Municipal e, no ano seguinte entrou para a Orquestra da TV Jornal do Comércio de Pernambuco. Atuou como clarinetista no Quinteto de Sopros do Prof. Wascyli Simões dos Anjos entre 1973 e 1974, posteriormente, como orquestrador e primeiro saxofonista da Orquestra do maestro Nelson Ferreira. Realizou também trabalhos como arranjador tendo alguns deles sido gravados.

Compôs uma série de frevos de rua com nomes dos cangaceiros do bando de Lampião, que foram reunidos em LP pela fábrica Rozemblit, em 1979: "Lampião" (1960); "Curisco" (1961); "Maria Bonita" (1962); "Volta seca" (1963); "Ponto fino" (1964); "Sabino"(1965); "Pilão deitado" (1966); "Cocada" (1968); "Ventania" (1968); "Jararaca" (1969); "Moitinha" (1979); "Zabelê" (1979) e ainda, dentre outros, a série de frevos dedicados à Clarineta a qual trataremos mais adiante. Também teve frevos gravados pela RCA.

### **3.1.4 “Felinho”**

Félix Lins de Albuquerque (1895-1980), natural da cidade de Bonito - Pernambuco, desde cedo iniciou seu estudos musicais em família. Com seu tio João Archelau Lins de Albuquerque obteve conhecimentos musicais que o levou a regente de banda de música aos quinze anos. Tocou clarinete em cassinos e cinemas no Recife. Em 1932 atuou como músico na PRA-8 (Rádio Clube de Pernambuco). Foi instrumentista fundador da Orquestra Sinfônica do Recife, como flautista. Em sua habilidade multi-instrumental tocou clarineta, flauta-transversal, saxofone e trombone. Tornou-se conhecido e admirado pelas variações introduzidas por ele no frevo “Vassourinhas” de Matias da Rocha/Joana Batista Ramos.

Segundo Renato Phaelante (1997, p. 47), com respaldo em fonte documental cedida pelo próprio autor, sugere que as variações foram escritas para clarineta, transcritas posteriormente para saxofone, como é comumente conhecida.

### 3.1.5 “Marambá”

José Mariano da Fonseca Barbosa – compositor e clarinetista, nasceu em Surubim - Pernambuco, no dia 22 de maio de 1896. Estudou música com seu pai, tornando-se depois, membro de uma banda conhecida como “Os Capibas”, composta por sua família. Alguns anos mais tarde, no Recife, juntamente com um dos irmãos, Sebastião, integrou a Banda do Ginásio Pernambucano onde estudavam. Durante a juventude integrou diversas bandas de música dirigidas pelo pai, em várias cidades pernambucanas: Carpina, Limoeiro, Nazaré da Mata e, nos municípios paraibanos de Campina Grande e Taperoá. Justamente em Taperoá, foi quando começou a compor, em 1913 e teve o seu *xote* “Teu Sorriso”, publicado na revista carioca *O Malho*. Para não ser confundido com seu irmão Lourenço, conhecido por Capiba, ele adotou o pseudônimo de Marambá. Ainda na Paraíba, foi mestre de banda em várias cidades do interior e, paralelamente, trabalhava no comércio, numa exportadora de algodão, sem que isso o impedisse de compor. Como funcionário da firma exportadora, transferiu-se para o Recife, onde por volta de 1920 integrou, como amador, a Orquestra de Pau e Cordas do Bloco Carnavalesco Após-fum, tocando clarineta. Na década de 1930, já consagrado como clarinetista, apresentou vários concertos na antiga P.R.A.O. (depois PRA-8), atual Rádio Clube de Pernambuco, onde se apresentava acompanhado ao piano por Capiba seu irmão. Em 1937 gravou o “Hino do Carnaval Pernambucano” com a Orquestra Columbia e Coro, cuja letra é de autoria do poeta Aníbal Portela e foi o vencedor do concurso promovido pela Federação Carnavalesca de Pernambuco, na categoria de marcha. Nesse mesmo concurso, sendo na categoria de frevo, classificou em

primeiro lugar uma composição cuja letra é também de autoria de Aníbal Portela, por título de “Ui! Que medo tive!”, gravada depois por Francisco Alves. Faleceu em 1968, no Recife aos 72 anos.

### **3.1.6 Menezes**

José Xavier de Menezes, nasceu em Nazaré da Mata – Pernambuco, no dia 12 de abril de 1923. Filho e neto de músicos, recebeu da família todo apoio para o desenvolvimento das habilidades musicais. Aos 13 anos iniciou seus estudos musicais com o maestro José Alves Cantalice, na banda de sua cidade natal. Em 1943 mudou-se para o Recife, vindo trabalhar como saxofonista e clarinetista durante seis anos na Jazz Band Acadêmica, sob a direção do maestro Pádua Valfrido. Em 1949, recebeu convite do maestro Nelson Ferreira para participar da orquestra da Rádio Clube de Pernambuco, como saxofonista, clarinetista e arranjador, passando depois a regente. Profissionalizou-se e intensificou seus estudos musicais com os maestros Severino Revoredo, Clóvis Pereira e Pe. Jaime Diniz. Sua primeira composição data de 1950, o frevo “Freio a óleo”, gravada por Zacarias e sua orquestra, na gravadora RCA Victor. Em 1953, no selo Rozemblit (Mocambo), de parceria com Aldemar Paiva e, na voz de Claudionor Germano gravou o frevo- canção “Boneca”, que veio a ser o primeiro disco daquela gravadora. Depois disso foi para São Paulo – SP, onde trabalhou como regente de orquestra e arranjador. Em 1960 retornou a Pernambuco, quando assumiu a direção musical da TV Rádio Clube. Em 1966 deixou a TV Rádio Clube de Pernambuco e continuou a compor e gravar músicas para o carnaval que se constituíram em autênticos sucessos populares. Com seus frevos – gênero predominante em sua obra – conquistou vários prêmios em concursos carnavalescos. Atualmente, como durante muitos anos, anima com sua orquestra o carnaval de Pernambuco nos clubes e nas ruas.

### 3.1.7 Severino Araújo

Nasceu em Limoeiro - Pernambuco, no dia 23 de abril de 1917. Já aos oito anos de idade ajudava seu pai a dar aulas de música. Em 1929, contando então doze anos, tocava aquele que considerou o seu instrumento predileto: a clarineta. A partir de 1933, tendo se mudado para a cidade do Ingá no interior da Paraíba, deu início realmente à sua carreira no mundo da música popular. Ainda na década de 30 mudou-se para João Pessoa, onde foi clarinetista da banda da Polícia Militar do Estado. Em 1936 escreveu sua primeira composição de repercussão, o choro “Espinha de Bacalhau”. Quando em 1937, foi inaugurada a PRA-4, emissora oficial da Paraíba, que contratara a Orquestra Tabajara, da qual Severino era o primeiro saxofonista, regida por Luna Freire a quem ele substituiu posteriormente. Em 1943, foi convocado para o Exército, servindo no hoje, 15º Regimento de Infantaria em João Pessoa. Durante um treinamento de guerra, num lugar chamado Aldeia, no grande Recife, compôs seu famoso choro “Um chorinho em Aldeia”.

Em janeiro de 1945, juntamente com a Orquestra Tabajara, foi contratado pelas Emissoras Associadas Tupy, transferindo-se assim para o Rio de Janeiro. O diretor artístico da gravadora Continental, na época, João-de-barro, contratou-o e também sua orquestra, para gravar com exclusividade. O primeiro disco tinha sua composição “Um chorinho em Aldeia”. No ano seguinte, tal foi o sucesso, que gravaram mais quatro discos, sempre à frente da Orq. Tabajara. Em 1952, viajaram a Paris, tendo Jamelão como vocalista, tão grande foi o sucesso que estando prevista uma única apresentação, tiveram que cumprir uma temporada de um mês na “Cidade Luz”. De 1955 a 1959 foram contratados pela Rádio Mayrink Veiga, passando depois para a Rádio Nacional e daí para a TV Rio. Em 1968, terminado o seu contrato com aquela emissora, S. Araújo decidiu aposentar-se. Contava, então com 35 anos de trabalhos ininterruptos. Em 1975, a Continental lançou um álbum da série “Ídolos da MPB-Cultural”, com regravações de Severino Araújo e



Orquestra Tabajara. Nesse mesmo ano a Gravadora Odeon escolheu-o para o primeiro volume de sua série “Depoimento”, onde estão alguns dos principais sucessos do maestro e da orquestra. Em 1988, voltou a reunir a orquestra e gravou novo LP, relançando, posteriormente em CD alguns dos seus sucessos. Desde então, viaja pelo Brasil, apresentando suas composições em performances com a Orquestra Tabajara.

### **3.1.8 Ivanildo Maciel**

Ivanildo Maciel da Silveira – nascido em Sanharó – PE, em 08 de agosto de 1932. Também migrou para a capital do estado, tanto quanto para o Rio de Janeiro, em busca de melhores condições profissionais. Exerceu a função de clarinetista e bandolinista na Orquestra Jazz Acadêmica de Pernambuco. Foi músico militar na Banda de Música do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. Voltando ao Recife foi clarinetista fundador da Orquestra Sinfônica. Como compositor suas principais obras são choros, valsas e frevos, dentre eles: “Apavorado” (1957), “Vem Arrasando” (1963) e “Bombeirinho” (1967).

### **3.1.9 Luiz Caetano**

Nasceu em Jaboatão dos Guararapes – Pernambuco, em 18 de setembro de 1924. Filho de mestre de música e clarinetista Caetano Xavier da Silva, iniciou seus estudos musicais desde os 7 anos de idade na Banda Filarmônica de sua cidade. Foi clarinetista, saxofonista, maestro, compositor e arranjador. Como músico profissional apresentou-se pela primeira vez no bloco carnavalesco “Mocidade do Pacheco” de sua cidade natal. Seguiu para Fortaleza-CE, onde trabalhou nas rádios Iracema e PRA 9 (Ceará Rádio Clube). Em 1950 voltou para o Recife onde dirigiu a orquestra da Rádio Jornal do Commercio, passando depois para a Rádio Tamandaré. Participou também da Orquestra Sinfônica do Recife. Foi professor de música na Universidade Federal do Amazonas, da Universidade Federal de Pernambuco e do Conservatório Pernambucano de Música. Sua

criação musical é composta predominantemente de frevos, entre eles: “Sempre a Primeira” (1955) frevo-canção, “Capoeira” (1963) frevo-canção, “Serra fila” (1956) frevo-de-rua gravado em 1987, “Saudade” (1957) e o frevo-de-rua “Homenagem a Zumba”.

### **3.1.10 “Zito”**

José Gonçalves da Silva, natural de Aliança – Pernambuco, nascido em 28 de março de 1936. Clarinetista, iniciou seu estudos musicais com seu pai José Pacheco da Silva (saxofonista e compositor), na Banda Municipal 15 de agosto de Aliança. Em 1962 ingressou na Banda da Polícia Militar da Paraíba em João Pessoa, onde chegou a 1º Sargento Músico. Quando em 1964, com a criação da Banda de Música do 2º Batalhão da Polícia Militar em Campina Grande – PB, foi requisitado e transferido para esta cidade.

Em 1969, esteve em Campina Grande o maestro Evanildo Borges de Moura “garimpando” músicos para suprir as necessidades do quadro da Banda de Música do Corpo de Bombeiros de Brasília, partiu para o novo desafio como 1º clarinetista CBB - DF. Atualmente reformado como 2º Tenente.

Sempre constante nas orquestras de carnaval (Orq. do Maestro Villô e do Maestro Duda) como saxofonista e em eventuais participações da clarineta. Como compositor, além do frevo “Clarinete Alegre”, compôs outros trabalhos (chôros, polcas e valsas), porém permaneceram na obscuridade. Perpassou o ofício de clarinetista aos filhos: José Alessandro Gonçalves da Silva (Professor na Universidade Federal de São Carlos) e Alberto Fabiano Marques da Silva (3º Sargento Músico da Banda do 15º BIMTZ – PB), tendo ainda na família o clarinetista e saxofonista Antônio Gonçalves da Silva (Toinho) Sub-Oficial da reserva da Força Aérea Brasileira, o qual atuou como clarinetista solista na Banda do CATRE-RN.

### 3.1.11 Edson Rodrigues

Edson Carlos Rodrigues nasceu no Recife a 29 de março de 1942. Iniciou sua carreira como clarinetista - requintista, porém atua como saxofonista e compositor. Foi um dos fundadores da Banda Municipal do Recife em 1958, exercendo posteriormente, também a função de maestro. Foi músico na Orquestra Itapuan Jazz, organizada por João Santiago Reis, na década de 50 do séc. passado. Em 1965, a crítica especializada o elegeu como melhor saxofonista de jazz e bossa nova do Nordeste. Durante toda a década de 70, participou de vários festivais como saxofonista e arranjador na TV Jornal do Commercio e na extinta TV Tupy. Entre suas obras premiadas está o frevo de rua “Recordando a Tabajara”. Durante quatro anos consecutivos, a partir de 1979, foi diretor musical e arranjador do *Frevança* – Encontro Nacional do Frevo e do Maracatu, promovido pela Rede Globo. Atualmente é professor no Conservatório Pernambucano de Música.

### 3.1.12 Inaldo Moreira

Inaldo Lima Moreira, Engenheiro de profissão, professor de Economia da Universidade Federal de Pernambuco (aposentado), radialista e compositor. Incentivou os filhos a desenvolverem habilidades musicais: as duas filhas Moema e Maíra, notáveis bandolinista e bandolista, atuam na Orquestra Retratos do Nordeste, do maestro Marco César; o filho Iuri, é guitarrista. Quando criança, Inaldo estudou clarineta com o professor particular José Severino Calazans. Paralelamente às atividades profissionais, ele atuava como clarinetista em agremiações carnavalescas do Grande Recife, sobretudo no carnaval. Esteve, porém, mais ligado ao “choro”, principalmente, por causa do desenvolvimento musical de suas filhas (de início no cavaquinho e bandolim) e do filho (no violão de sete cordas). O entusiasmo o levou a fundar, em sua própria casa, a Praça do Choro, onde recebeu diversos amigos e conhecidos talentos do gênero em saraus esporádicos. Com o

CD *Frevos de Rua do Novo Milênio*, produção do próprio autor o compositor, com 20 temas carnavalescos de títulos, no mínimo inusitados, com os quais homenageia companheiros da música. Ao longo da gravação, os amigos são lembrados, de forma irreverente, como em; *Segura aí, Luiz Guimarães!*, *Com Lessa não tem conversa!*, *Severino é do ramo*, *Com Mida não se brinca* e *Formiga não morde, pica!*, entre eles, dois frevos para clarineta solo: *Elie!*, *sopro de mel!* e *Agostinho soprando no pau preto*. Numa produção independente, prensou mil cópias, que distribui gratuitamente. Um aspecto curioso é sobre a participação das bandas militares nas respectivas gravações. Segundo ele, “Em primeiro lugar, porque o frevo – hoje, meio sem rumo – surgiu no meio desse tipo de orquestra. É também interessante por dar oportunidade a esses grupos que se limitam à execução musical em eventos cívicos, de mostrarem seus talentos frente a um projeto da autêntica música do Estado”.

### **3.2 Repertório Selecionado**

Acreditamos que os frevos para clarineta foram determinantes no aporte do surgimento de uma estrutura singular do referido gênero musical com duas formas distintas: o frevo concertante para execução em ambiente fechado (frevo para clarineta) e o frevo-de-rua com solos para clarineta. Na primeira, a clarineta aparece como um instrumento preeminente, numa participação dialogante com a orquestra. Na orquestra de frevo, a clarineta solista assume a função do naipe de saxofones na orquestração e, na sua ausência, há indicação nas partituras para substituição pelo 1º sax-alto.

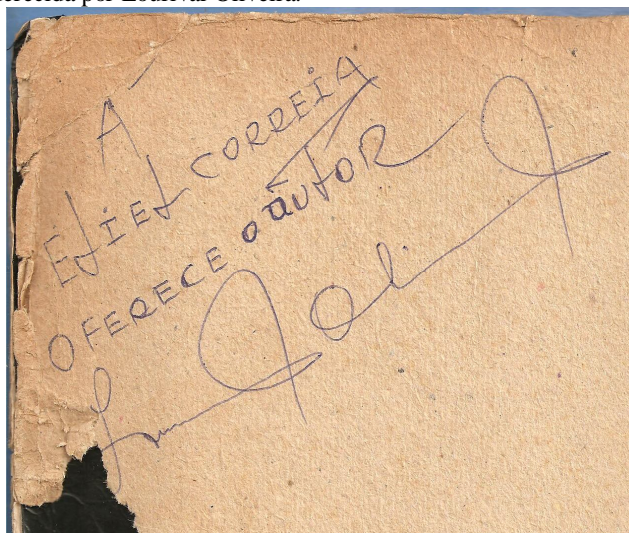
A segunda usa a clarineta, mais frequentemente a requinta, pelo fato da intensidade sonora sobressair dos demais instrumentos, quando executado na rua, desenvolvendo floreio acima da melodia, ou seja, movimento melódico “acrobático” em que se exhibe a destreza técnica do instrumentista. Encontramos partituras de três exemplos destes,

*Curisco*, *Cocada*, *Maria Bonita* e *Barão no Frevo*, escritos por Lourival e pertencentes a sua série composta em homenagem ao bando de “Lampião”. Nestes a clarineta (requinta) sobrepõe uma melodia numa espécie de contra-canto. Em geral, ela se desenvolve em forma de desenho melódico ágil e rápido, transmitindo uma ideia de agitação e movimento, através da melodia das madeiras em subdivisões rítmicas ou dos apoios acentuados dos metais.

Os frevos abaixo selecionados compreendem aqueles encontrados dentro da delimitação da pesquisa, ou seja, frevo para clarineta solo escrito por clarinetistas compositores. Porém, como mencionado acima, vale relembrar o *Frevo Concertado* para clarineta solo de Dimas Sedícias e, da ativa participação da clarineta na gravação do *Frevo da Luz*, do baterista Luizinho Duarte e clarinetista Carlinhos Duarte, no CD da Spok Frevo Orquestra. Como fonte primária do objeto da pesquisa, ou seja, os frevos para clarineta, consideramos como referência a entrevista realizada pelo jornalista Hugo Martins (1989), com o compositor, aranjador e clarinetista Lourival Oliveira no programa “O tema é frevo documento” (Recife: Radio Universitária FM, UFPE), obtivemos assim o áudio dos frevos: *Clarinete Infernal* (1961), *Lágrimas de Clarinete* (1962), *Brincando com o Clarinete* (1963), *Sorriso de Clarinete* (1964) e *Alma de Clarinetista* (1976). Acrescentamos portanto, alguns frevos de outros compositores clarinetistas onde a clarineta desempenha papel solista: *Clarinete Alegre* (1967), *Eliel Sôpro de mel* (2001), *Agostinho sopando no pau preto* (2002) e *Mestre Louro* (2006), partes cedidas gentilmente pelos próprios compositores. Identificamos portanto, uma seleção de partituras (partes para clarineta solo) do próprio Lourival, oferecida ao amigo clarinetista Eliel Correia (primeiro clarinetista da Banda Sinfônica da Cidade do Recife), tomando-as como referência ainda, no critério de seleção do repertório, observando algumas composições do gênero onde a clarineta apresenta apenas pequenas intervenções em caráter de ornamentação da melodia, são eles:

*Corisco* (1961), *Maria Bonita* (1962), *Cocada* (1968) e *Barão no Frevo* (1969). Desses últimos, com referência em áudio apenas do frevo *Corisco*, gravado com solo de requinta por Lourival com acompanhamento da Orquestra do Maestro Nelson Ferreira.

**Figura 1:** Pasta oferecida por Lourival Oliveira.



Coleção das partes para clarineta dos frevos de Lourival Oliveira, oferecida pelo próprio autor ao clarinetista Eliel Correia (músico integrante da Banda Municipal do Recife).

### 3.2.1 Clarinete Infernal – Lourival Oliveira

*Clarinete Infernal* foi composto em 1961 para homenagear esse instrumento, segundo o próprio Lourival em entrevista a Hugo Martins (1989). Ele acrescenta que foi premiado, mas que não foi sucesso nas ruas, apenas nos alto-falantes das ruas e nos salões, dizendo que as orquestras alegavam a necessidade de “um clarinetista muito bom”. Ele encerra dizendo que por isso “tornou-se um frevo de salão”.

**“CLARINETE INFERNAL” CLARINETES**  
**FREVO DE LOURIVAL OLIVEIRA SOLO**

Handwritten musical score for Clarinet Infernal by Lourival Oliveira. The score is written on ten staves of music. It begins with a treble clef, a 2/4 time signature, and a key signature of one sharp (F#). The music is marked "SOLO" and "ORQ." (Orchestra). The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings. At the bottom, there is a signature "ORA. E COPIA A. OLIVEIRA".

### 3.2.2 Lágrimas de Clarinete – Lourival Oliveira

Foi composto em 1962 e, segundo Lourival, também premiado (Entrevista. Oliveira, 1989). Na entrevista mencionada acima o compositor não dá maiores detalhes sobre ele.

CLARINETE SOLO

"LAGRIMAS DE CLARINETE"

FREVO DE LOURIVAL OLIVEIRA (ORQUESTRA ZACARIAS DA CONTINENTAL)

ora. e copi Autor



### 3.2.3 Brincando com o Clarinete – Lourival Oliveira

Lourival, na mesma entrevista, comenta que “tendo feito o *Clarinete Infernal* então resolvi brincar com o clarinete.” Esse frevo foi composto em 1963.

CLARINETE SOLO

“BRINCANDO COM CLARINETE”  
FREVO: DE LOURIVAL OLIVEIRA

ORQ. E COPIA **AUTOR**

### 3.2.4 Sorriso de Clarinete – Lourival Oliveira

Nesta entrevista, Lourival comenta que este frevo, composto em 1964, “Não foi campeão mas foi premiado.” Segundo Martins (1989), este ano Lourival não teve frevo gravado pela Rozenblit, apenas pela R.C.A.

(CLARINETE SOLO)

**SORRISO DE CLARINETE** GRAVAÇÃO R.C.A.  
 FREVO DE LOURIVAL OLIVEIRA: ORQ. ZACARIAS

DC.  
ORQ.

SOLO

ORQ.

SOLO

ORQ.

SOLO

ORQ.

SOLO

ORQ.

DC.

ORQ. E COPIA Autor

### 3.2.5 Alma de Clarinetista – Lourival Oliveira

Após um longo período sem escrever frevos para clarineta, Lourival compõe em 1976, *Alma de Clarinetista*. Na entrevista supracitada, ele relata que este frevo foi escrito a pedido de seu colega clarinetista e maestro Jovelino. Ele diz que Jovelino lhe pediu que “escrevesse um frevo solado por mim.” Sendo assim, ele escreveu este frevo e o gravou como solista com a orquestra do Jovelino. O autor apresenta uma ideia composicional um tanto inusitada, quando na primeira parte introduz a participação da clarineta através de uma sequência em ritmo tético partindo do registro agudo e descendente. Já na segunda parte a proposta é de contraste, onde a clarineta inicia sua participação em contra-tempo (síncope) surgindo do registro grave ao agudo.

(GRAVAÇÃO JÓREMISSON).

**“ALMA DE CLARINETISTA”**  
FREVO DE LOURIVAL OLIVEIRA

The musical score is handwritten and consists of ten staves. The first staff is in treble clef with a 2/4 time signature. The second staff is in bass clef. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings like 'FFF' and 'FF'. There are also performance instructions like 'D.C. ORQ.', 'SOLO', and 'ORQ.' written above the staves. The piece concludes with a double bar line and a fermata on the final note.

### 3.2.6 Curisco – Lourival Oliveira

*Curisco* faz parte dos frevos que Lourival denominou com os nomes dos integrantes do bando de Lampião. Foi escrito em 1961 no mesmo ano do *Clarinete Infernal*. Apesar das intervenções para clarineta, três motivos indicam que ele não faz parte da série de frevos escritos para clarineta solo. O primeiro é o fato dele não ter sido incluído no programa de rádio sobre os frevos para clarineta desse compositor. O segundo é a ausência da indicação “Clarinetes solo” na partitura, o que ocorre nos frevos de 1961 a 1964. E o terceiro é por apresentar características próprias para rua, pois predomina a orquestra com metais, havendo apenas uma pequena intervenção solista na segunda parte.

“CURISCO” “CLARINETES”  
 FREVO DE LOURIVAL OLIVEIRA

The musical score is handwritten and consists of ten staves. The first staff is in bass clef and contains the title and composer information. The second staff begins with a treble clef and includes dynamic markings like 'FFF' and 'D.C. TUTI'. The third and fourth staves feature complex rhythmic patterns with 'CLAR.' and 'Tuti' markings. The fifth staff has a 'MEZAS' marking and a 'SOLO' instruction. The sixth and seventh staves continue the rhythmic development. The eighth staff includes a key signature change to D major and a 'SOLO' marking. The ninth staff concludes with 'D.C.' and 'FF'. The final staff is a single line with the text 'ORA. E COPIA A AUTOR'.

### 3.2.7 Maria Bonita – Lourival Oliveira

*Maria Bonita* foi composto em 1962 e também não faz parte da coleção de frevos para clarineta solo. Porém foi incluso nesse trabalho pelas intervenções solistas da clarineta. Apresenta características semelhantes ao *Curisco*.

**MARIA BONITA CLARINETES**  
**FREVO: DE LOURIVAL OLIVEIRA**

DC.

FFF Tuti Pistis

SAXSTENOR Tuti Pistis

SAXS FFF Pistons e Tenors

SOLO TENOR

TUTI FFF

SAXS FFF

TUTI FFF

SAXS FFF

TUTI FFF

TUTI FFF

DC.

ora. e copi Autor

### 3.2.8 Cocada – Lourival Oliveira

*Cocada* também é uma referência aos capangas de Lampião e foi composto em 1968, não sendo escrito para clarineta solo. Possui intervenções solistas apenas na segunda parte como *Curisco* e *Maria Bonita*.



The image shows a handwritten musical score for Clarinetes. The title is "COCAJA" in quotes, with "CLARINETES" written in a stylized font to its right. Below the title, it says "PREVO: DE LOURIVAL OLIVEIRA". The score is written on a grand staff with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a time signature of 2/4. The notation includes various musical symbols such as notes, rests, slurs, and articulation marks. Dynamics like *fff* and *ff* are used. Performance directions include "Tutti", "D.C. CRESC...", "SOLO", and "Tutti" again. There are also fingering numbers (7) and a "Solo" section. At the bottom of the page, it says "ORQ. E COPIA AUTOR".

### 3.2.9 Barão no Frevo – Lourival Oliveira

*Barão no Frevo* também não pertence aos frevos para clarineta, mas possui semelhança com esses no tratamento composicional, apresentado mais adiante.

**(FREVO CAMPEÃO)**

**“BARÃO NO FREVO” “CLARINETES”**  
FREVO DE LOURIVAL OLIVEIRA

Handwritten musical score for "Barão no Frevo" by Lourival Oliveira. The score is written on ten staves. The first staff is the treble clef melody with dynamics like "D.C. CRESC...", "FFF", and "7". The second staff is the bass clef accompaniment with "SAXS" and "7". The third staff is a saxophone part with "SAXS." and "7". The fourth staff is a solo for "Tuti" with "FFF" and "7". The fifth staff is for "Bateria" with "SOLO", "3", and "FF". The sixth staff is for "Brek Metais" and "SAXS" with "FFF" and "SOLO". The seventh staff is for "Passoa ou Tenor" with "7". The eighth staff is another solo with "SOLO", "7", and "FFF". The ninth staff is for "ORQ. E COPIA" and "AUTOR" with "FFF". The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings.

### 3.2.10 Clarinete Alegre – Zito

*Clarinete Alegre* (1967) foi escrito para clarineta solo por José G. da Silva (Zito) e gravado por ele mesmo em 1985, acompanhado pela orq. do Maestro Villô. Em entrevista (2007), ele explica que fez a parte solo e o maestro Duda (José Ursicino da Silva) fez o arranjo. Também menciona que, embora não conhecesse o compositor Lourival, já conhecia seu frevo *Clarineta Infernal*.

Handwritten musical score for Clarinet Solo, titled "CLARINETE ALEGRE" (ZITO). The score is written on ten staves, featuring complex rhythmic patterns and fingerings. The title is written in large, bold letters at the top. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings. The piece concludes with a double bar line and a final chord. At the bottom right, there is a small table with the following information:

FRÉVO DE ZITO	COPIADO EM	1985
	1985	93
	1985	93



### 3.2.11 Eliel, sopro de mel – Inaldo Moreira

Este frevo foi composto para clarinete solo em 2001 e gravado em 2002 pelo clarinetista Eliel Correia, homenageado da composição. O CD *Frevos de Rua do Novo Milênio 3* inclui apenas composições do maestro Inaldo contendo frevos para diferentes instrumentos solistas. Ele apresenta características melódicas diferentes dos demais ao explorar saltos em intervalos compostos.

**ELIEL, SOPRO DE MEL!** 1

*Frevo concertante em homenagem ao eminente clarinetista Eliel Correia da Silva, composto na manhã de 16 de junho de 2001*

Arranjo do autor Inaldo Lima Moreira

Clarinete solo  $\text{♩} = 135$

11

To Coda

14

1. 2. D.S. al Coda

Coda

### 3.2.12 Agostinho soprando no pau preto – Inaldo Moreira

Este frevo foi composto e gravado em 2002 no mesmo CD supracitado, tendo como intérprete o clarinetista Crisóstomo Santos. É para clarineta solo e foi dedicado ao professor e clarinetista Manoel Agostinho. Contrariamente ao frevo anterior, Moreira utiliza-se praticamente apenas de graus conjuntos e terças. É interessante notar que suas partituras não possuem guias da orquestra.

**AGOSTINHO SOPRANDO NO PAU PRETO.** 1

*Frevo dedicado ao insigne professor de clarinete Manoel Agostinho da Silva. Recife 31 de agosto de 2002(manhã)*

Arranjo do autor Inaldo Lima Moreira

♩ = 140

Clarinete solo

5

9 *To Coda* 1.

13 2.

17

22

26

30 1. 2. *D.S. al Coda* Coda

### 3.2.13 Mestre Louro – Edson Rodrigues

Este frevo também é para clarineta solo e faz uma homenagem ao mestre Lourival Oliveira (mestre Louro). Assim como todos os frevos anteriores, possui a tradicional característica de orquestração do frevo de intercalar “perguntas” e “respostas” entre metais e madeiras, neste caso, orquestra e solista.

#### Mestre Louro! (frevo)

À memória do grande clarinetista Lourival Oliveira

Edson Rodrigues

Clarineto (Solo)

The musical score is written for Clarinet Solo in 2/4 time, key of D major. It consists of seven staves of music. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. It features a series of eighth notes, a triplet of eighth notes, and a quarter note. The second staff continues with eighth notes and a triplet. The third staff is marked 'To Coda' and contains a first ending bracket. The fourth staff contains a second ending bracket. The fifth staff features a triplet of eighth notes. The sixth staff continues with eighth notes. The seventh staff concludes with a first ending bracket, a second ending bracket, and a Coda symbol.